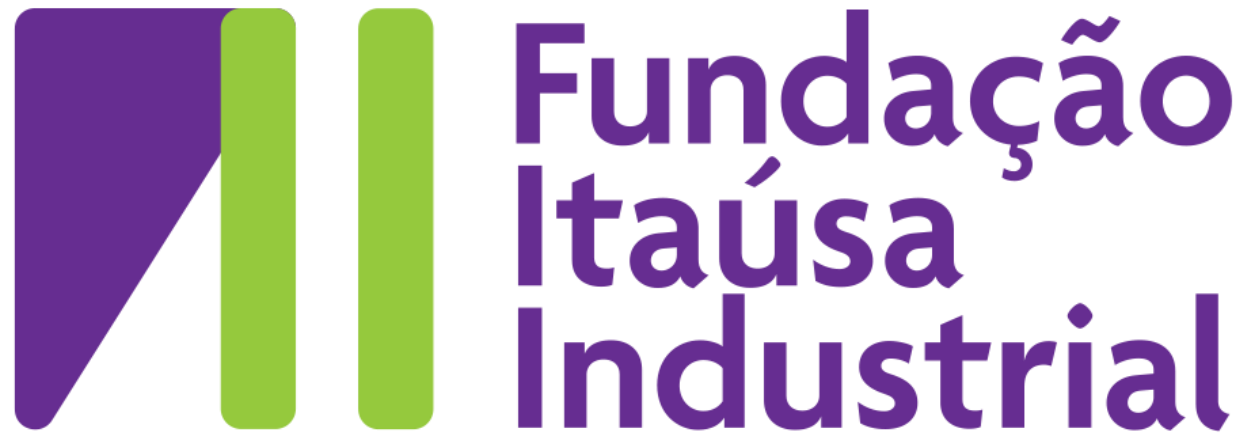


Relatório de Performance e Gestão

PLANO PAI

Setembro/2026



Cenário Econômico - Internacional

Petróleo volta a subir, mas atividade segue resiliente

- O mês de setembro mais uma vez reforçou o cenário identificado em boa parte do ano. Novamente a questão inflacionária voltou ao centro do debate, em meio à nova escalada de preços de energia em decorrência do conflito no Oriente Médio.
- Ainda assim, a atividade seguiu sem dar sinais de arrefecimento, com o PMI global atingindo o maior valor em anos e sugerindo uma atividade robusta ao redor do mundo.
- Nesse contexto, a percepção de juros elevados por mais tempo impulsionou uma importante elevação dos juros longos em diversas economias.
- Nos EUA, o Fed elevou os juros em contexto de inflação distante da meta e sem indicar a desaceleração desejada. A comunicação também se tornou significativamente mais dura, com as projeções do Comitê sinalizando que a alta não seria isolada. O ritmo desse ajuste, no entanto, segue incerto, com parte dos membros defendendo menor urgência.
- Na Europa, a atividade segue resiliente, com adicional revisão altista das projeções de crescimento para o ano. Já a inflação voltou a acelerar, especialmente sob pressão da nova alta dos preços de energia. Em sua última reunião, o BCE subiu os juros e manteve viés de aperto. Ainda assim, em meio a riscos baixistas para a atividade, buscou manter opcionalidade, com avaliação reunião a reunião.
- Na China, os dados seguem indicando uma economia altamente dependente da demanda externa, enquanto os motores domésticos continuam enfraquecidos. Ainda que as autoridades tenham adotado tom mais cauteloso, o apoio deve seguir limitado e direcionado, além de condicionado a adicional fragilidade dos dados.
- No Japão, o cenário de um ritmo mais rápido de normalização dos juros se consolidou, mas sem sinalização de urgência pelo banco central. A leitura é de um intervalo menor entre os movimentos do que o identificado até então, mas com caminho ainda dependente da evolução dos dados.

Percepção de juros elevados por mais tempo impulsionou elevação dos juros longos

Cenário Econômico - Brasil

Atividade econômica desacelera e expectativas de inflação seguem desancoradas

- No Brasil, setembro também foi um mês marcado por decisão de política monetária. O Banco Central seguiu com seu ciclo de calibração da taxa de juros, levando a Selic para 13,75% a.a. O cenário tem sido marcado por uma combinação de desaceleração da atividade, inflação corrente um mais mais pressionada e expectativas ainda desancoradas, além do desafio fiscal, em meio a um cenário externo desafiador, o que mantém a condução da política monetária em terreno cauteloso.
- Nesse contexto, a autoridade monetária deixou aberta a porta para continuar a cortar a taxa básica de juros, de forma gradual. Contudo, as expectativas de inflação desancoradas e a alta das taxas de juros globais de longo prazo podem limitar a continuidade do ciclo de calibração à frente, o que deve manter a postura cautelosa na política monetária.
- Temos observado mais sinais de desaceleração da atividade econômica, enquanto o mercado de trabalho continua apertado, mas também traz sinais de estabilidade na margem.
- Em relação à inflação ao consumidor, a última leitura veio mais pressionada, com a inflação de serviços persistente. À frente, as expectativas de inflação seguem desancoradas.
- Da mesma forma, o desafio fiscal persiste. Segundo o Banco Central, a política fiscal possui um impacto de curto prazo, por meio de estímulo à demanda agregada, e uma questão mais estrutural, que tem o potencial de impactar o prêmio a termo da curva de juros.
- O próximo governo terá de enfrentar desafios fiscais relevantes, ponto central para a trajetória dos ativos domésticos.

Cenário Econômico - Projeções

Brasil Cenário Base

P = Projeções Itaú Asset Management

Projeções estão sujeitas a mudanças.

* Histórico até 2009 baseado na metodologia BPM5. De 2010 em diante, metodologia BPM6. Mais detalhes sobre essa metodologia no próximo slide.

Fonte: Itaú Asset Management e Bloomberg, 02 de Setembro de 2026. ¹ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). ² Banco Central do Brasil (BCB) ³ Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Principais Variáveis		2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024	2025	2026P	2027P
PIB - Preços de Mercado ¹	%	-3.5	-3.3	1.3	1.8	1.2	-3.3	4.8	3.0	3.2	3.4	2.3	1.7	1.0
PIB Nominal ¹	R\$ tri	6.0	6.3	6.6	7.0	7.4	7.6	8.9	9.9	10.7	11.6	12.4	13.1	13.8
	US\$ tri	1.8	1.8	2.1	1.9	1.9	1.5	1.6	1.9	2.2	1.9	2.3	2.2	2.3
PIB Real ¹	R\$ tri (2014)	5.6	5.4	5.5	5.6	5.6	5.4	5.7	5.9	6.1	6.3	6.4	6.5	6.6
PIB Nominal Per Capita em US\$ ¹	US\$ mil	8.8	8.7	9.9	9.2	8.9	7.0	7.5	8.7	10.2	8.7	10.4	9.9	10.4
Desemprego PNAD - Final DSZ ¹	% PEA	9.7	12.7	12.5	12.3	11.7	14.8	11.6	8.4	7.8	6.6	5.5	5.4	5.4
Inflação - IPCA ¹	%	9.8	6.5	3.0	3.7	4.3	4.5	10.1	5.8	4.6	4.8	4.3	4.8	4.6
Inflação - INPC ¹	%	9.6	7.3	2.3	4.1	3.2	5.5	10.2	5.9	3.6	4.8	3.9	4.9	4.6
Inflação - IGP-M ³	%	10.5	7.2	-0.5	7.5	7.3	23.1	17.8	5.5	-3.2	6.8	-1.1	4.0	4.0
Taxa de Juros Copom - Final ²	%	14.25	13.75	7.00	6.50	4.50	2.00	9.25	13.75	11.75	12.25	15.00	13.25	12.50
Taxa de Câmbio - Final ²	R\$ / US\$	3.96	3.25	3.29	3.89	4.11	5.15	5.58	5.28	4.85	6.19	5.47	5.15	5.15
Saldo Comercial ²	US\$ bi	17.4	44.5	57.4	44.3	29.6	35.7	42.3	51.5	92.3	65.8	59.7	77.9	77.9
Exportações	US\$ bi	189.9	184.3	218.0	239.5	225.8	210.7	284.0	340.2	343.8	339.9	350.9	387.9	387.9
Importações	US\$ bi	172.5	139.7	160.6	195.2	196.2	175.0	241.7	288.7	251.5	274.0	290.9	310.0	310.0
Saldo em Conta Corrente* ²	US\$ bi	-63.4	-30.5	-25.3	-53.8	-64.0	-24.2	-39.4	-42.0	-27.0	-65.3	-66.7	-62.1	-62.1
	% do PIB	-3.5	-1.7	-1.2	-2.8	-3.4	-1.6	-2.4	-2.2	-1.2	-3.0	-2.9	-2.5	-2.5
Investimento Estrangeiro Direto ²	US\$ bi	64.7	74.3	68.9	78.2	69.2	38.3	46.4	75.5	62.8	74.1	77.7	70.0	70.0
Resultado Primário ²	% do PIB	-1.9	-2.5	-1.7	-1.6	-0.8	-9.2	0.7	1.2	-2.3	-0.4	-0.4	-0.6	-0.3
Dív. Bruta do Setor Público ²	% do PIB	65.5	69.8	73.7	75.3	74.4	86.9	77.3	71.7	73.8	76.1	78.6	82.3	87.2

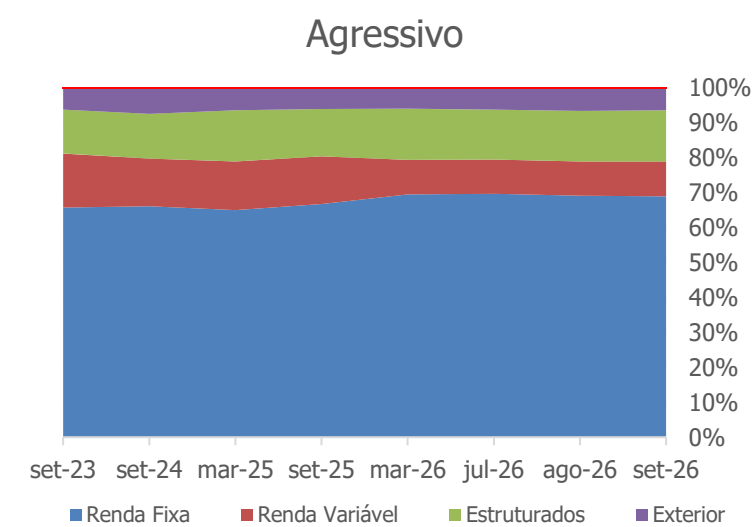
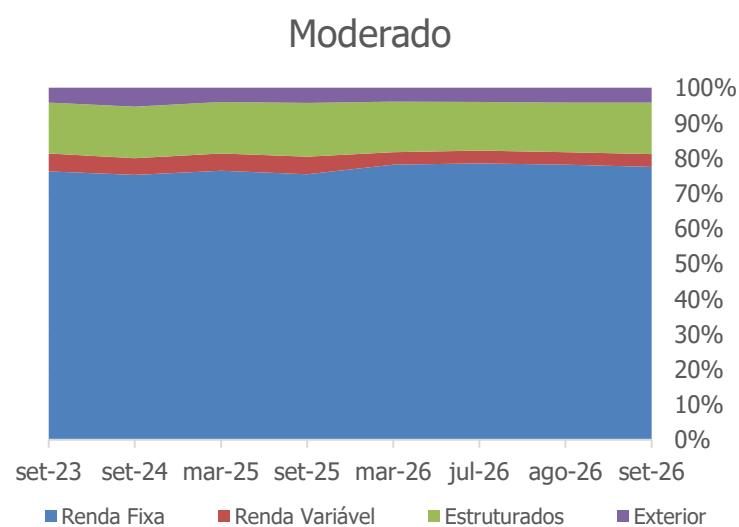
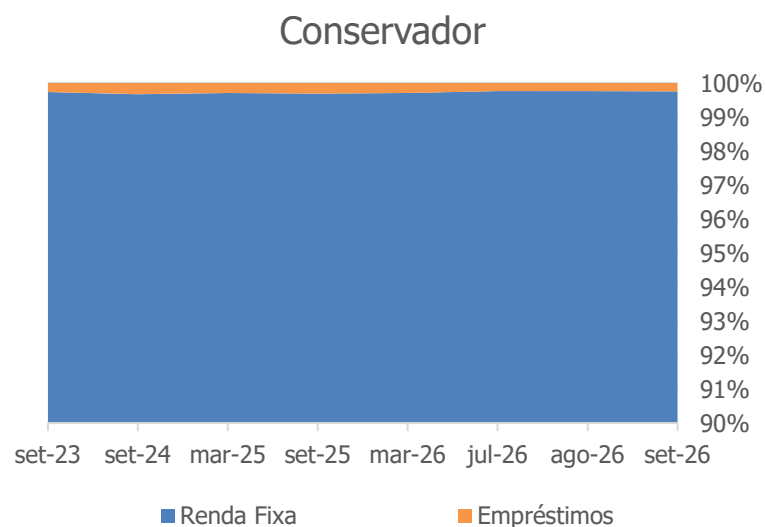
Desempenho e Evolução da Carteira

Perfis de Investimento

DESEMPENHO

Período	CONSERVADOR		MODERADO		AGRESSIVO	
	Return	%CDI	Return	%CDI	Return	%CDI
set/26	1,12%	103%	1,71%	158%	1,94%	179%
6 meses	6,86%	100%	5,59%	81%	4,92%	72%
12 meses	14,43%	100%	12,31%	85%	11,94%	82%
24 meses	29,71%	100%	27,45%	92%	25,95%	87%
36 meses	44,55%	101%	41,50%	94%	38,79%	88%
60 meses	81,41%	100%	68,24%	84%	59,92%	74%

EVOLUÇÃO



Fundos de Investimento

Relação de Fundos de Investimento presentes nos perfis de investimento em 1º nível (em milhares de reais)

FUNDOS DE INVESTIMENTO	CNPJ	Conservador	Moderado	Agressivo
RENTA FIXA				
Enif R L FIF CIC Multimercado Crédito Privado *	32.265.488/0001-75	1.037.006		
Itaú Verso A RF Referenciado DI FI	11.419.818/0001-60	683.380		
Nashira Previdenciário Multimercado Moderado CP FI *	38.049.520/0001-61		565.831	
Nashira Previdenciário Multimercado Agressivo CP FI *	38.050.501/0001-55			54.359
RENTA VARIÁVEL				
Itaú Inst. Smart Beta Ações Brasil 50 FIC FIA	48.107.091/0001-95		26.508	7.851
INVESTIMENTOS ESTRUTURADOS				
Altair FIC FIM *	32.265.496/0001-11		106.885	11.603
INVESTIMENTOS NO EXTERIOR				
Carteira Itaú Internacional Institucional FIC FIM IE	39.562.577/0001-22		30.190	5.014
Empréstimos		4.153		
INVESTIMENTOS		1.724.539	729.415	78.827

* FUNDOS EXCLUSIVOS

Estratégia – Perfil Conservador (1/2)

Classe		O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
RENDAXA	Juros Nacionais	Monitorar oportunidades no mercado tendo em vista a reavaliação de preços e cenário de curto prazo para as NTN-Bs.	Ao longo de setembro, passamos a focar a estratégia direcional aplicada em juros prefixados. Até então, vínhamos com uma composição direcional no Pré e relativa com venda de inflação implícita. Apesar das maiores pressões sobre os juros internacionais e do peso que isso exerce sobre o mercado de NTN-Bs, com a menor chance de surpresas de baixa com o IPCA, preferimos reverter a posição pessimista com NTN-Bs. Destacamos também a divulgação de vários dados de atividade econômica na direção de desaceleração, aumentando a chance de precificação de quedas da taxa Selic.	Setembro foi um mês de novas decisões de política monetária no Brasil e no exterior. O Banco Central do Brasil seguiu com seu ciclo de calibração da taxa de juros, reduzindo a Selic para 13,75% a.a. O cenário tem sido marcado por uma combinação de desaceleração da atividade, inflação corrente um pouco mais pressionada, e com expectativas ainda desancoradas, além do desafio fiscal, em meio a um cenário externo desafiador, o que manteve a condução da política monetária em terreno cauteloso. Os dados recentes indicaram moderação do consumo e da atividade, em meio ao elevado endividamento e à maior inadimplência das famílias, enquanto o mercado de trabalho permaneceu apertado, embora com sinais de estabilidade. Apesar desses riscos, a perspectiva de continuidade gradual do ciclo de cortes favoreceu o fechamento da curva de juros. O movimento impulsionou principalmente os títulos de maior duração: entre os índices da ANBIMA, o IMA-B avançou 3,15%, o IMA-B5 subiu 2,01%, o IMA-B5+ ganhou 3,82% e o IRF-M 1+ teve alta de 2,41%. No câmbio, o dólar comercial encerrou o mês próximo a R\$ 5,18, praticamente estável em relação ao fechamento de agosto. Assim, mesmo com os riscos inflacionários, fiscais e externos limitando a velocidade do afrouxamento monetário, o mês foi favorável aos ativos locais, especialmente aos títulos públicos prefixados e indexados à inflação de prazos mais longos.	+

Estratégia – Perfil Conservador (1/2)

	Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
R E N D A F I X A	Crédito	Manter nível das alocações.	Investimentos ao redor de 31% do PL no fundo exclusivo.	Houve uma desaceleração da captação na indústria de crédito em setembro, sendo que a demanda foi mais dirigida aos veículos mais líquidos e conservadores. Por outro lado, os fundos de maior risco sofreram resgates. Isso desencadeou algumas marcações pontuais nos ativos dos emissores corporativos. Nossas principais estratégias seguiram com desempenho acima do CDI.	+
	Câmbio e Juros Internacionais	Sob o cenário de cautela com a política monetária nos EUA e demais economias desenvolvidas, seguir com posição "pessimista" em juros. Diversificação em moedas, sem viés direcional.	Atuação com uma cesta de moedas. Como exemplo, venda em dólar contra o real e compra em dólar contra o euro. Posição tomada em juros americanos de 10 anos (pessimista), devido ao comportamento de curto prazo das taxas, que refletem a possibilidade de mais ajustes na política monetária.	Impactos positivos de ambas as estratégias. Além das questões de política monetária, notícias fiscais na Europa foram desfavoráveis pressionando o euro.	+

Estratégia – Perfil Moderado (1/3)

	Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
R E N D A F I X A	Juros Nacionais	Gestão tática, com viés mais aplicado em Pré.	Seguimos com essa preferência, mas iniciamos subida de posição em NTN-Bs. Apesar da forte pressão dos juros internacionais, o que influencia os juros reais de longo prazo no Brasil, expectativa de redução do prêmio de risco frente ao cenário doméstico contribui para potencial de resultados no curto prazo.	Setembro foi um mês de novas decisões de política monetária no Brasil e no exterior. O Banco Central do Brasil seguiu com seu ciclo de calibração da taxa de juros, reduzindo a Selic para 13,75% a.a. O cenário tem sido marcado por uma combinação de desaceleração da atividade, inflação corrente um pouco mais pressionada, e com expectativas ainda desancoradas, além do desafio fiscal, em meio a um cenário externo desafiador, o que manteve a condução da política monetária em terreno cauteloso. Os dados recentes indicaram moderação do consumo e da atividade, em meio ao elevado endividamento e à maior inadimplência das famílias, enquanto o mercado de trabalho permaneceu apertado, embora com sinais de estabilidade. Apesar desses riscos, a perspectiva de continuidade gradual do ciclo de cortes favoreceu o fechamento da curva de juros. O movimento impulsionou principalmente os títulos de maior duração: entre os índices da ANBIMA, o IMA-B avançou 3,15%, o IMA-B5 subiu 2,01%, o IMA-B5+ ganhou 3,82% e o IRF-M 1+ teve alta de 2,41%. No câmbio, o dólar comercial encerrou o mês próximo a R\$ 5,18, praticamente estável em relação ao fechamento de agosto. Assim, mesmo com os riscos inflacionários, fiscais e externos limitando a velocidade do afrouxamento monetário, o mês foi favorável aos ativos locais, especialmente aos títulos públicos prefixados e indexados à inflação de prazos mais longos.

Estratégia – Perfil Moderado (2/3)

	Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
R E N D A F I X A	Crédito	Manter nível geral da alocação.	Alocações em torno de 10%.	Houve uma desaceleração da captação na indústria de crédito em setembro, sendo que a demanda foi mais dirigida aos veículos mais líquidos e conservadores. Por outro lado, os fundos de maior risco sofreram resgates. Isso desencadeou algumas marcações pontuais nos ativos dos emissores corporativos. Nossas principais estratégias seguiram com desempenho acima do CDI.	+
	Câmbio e Juros Internacionais	Exposições compradas em dólar pelo cenário de juros mais altos nos EUA e noticiário fiscal negativo na Europa.	Principal estratégia é vendida em euro x dólar.	Impactos levemente positivos.	+

Estratégia – Perfil Moderado (3/3)

Classe		O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
R E N D A V A R I Á V E L	Bolsa	Ao longo de setembro, e que perdura em outubro, calibrar posições com viés de alta no mercado nacional, em função da expectativa de continuidade do ciclo de queda dos juros e da proximidade das eleições. O fluxo estrangeiro está em reativação, e as pesquisas, reduzindo a incerteza sobre os resultados, trariam momentum de valorização para o mercado, ainda que as notícias sobre a futura condução fiscal, em detalhes, sejam contidas. Quando internacional também favorece tendência positiva dos mercados de risco.	Exposição passou de 5,2% para 10,1% entre os fechamentos de agosto e setembro, atingindo 14,9% no início de outubro.	Em setembro de 2026, o mercado de renda variável brasileiro apresentou desempenho positivo, com o Ibovespa avançando 5,03%, aos 186.340 pontos, acumulando no ano alta de 16,65%. O movimento foi sustentado pela retomada do fluxo estrangeiro, que somou entrada líquida de aproximadamente R\$ 9,6 bilhões até o dia 28, revertendo parcialmente as saídas observadas em agosto. A perspectiva de juros mais baixos no Brasil, dados de inflação abaixo do esperado nos Estados Unidos e a percepção de preços atrativos para as ações locais contribuíram para o aumento do apetite por risco. No ambiente doméstico, as expectativas em torno do cenário eleitoral e, sobretudo, da condução fiscal a partir de 2027 também ganharam relevância na formação dos preços. O avanço foi relativamente disseminado, com destaque para os setores financeiro, de consumo, utilities e imobiliário, enquanto as ações ligadas a materiais básicos ficaram para trás. No exterior, o S&P 500 recuou 0,38% no mês (+12,45% no ano), em meio à volatilidade dos juros longos e às incertezas sobre a política monetária americana. O Fed subiu os juros, mostrando preocupações com o balanço de riscos para a política monetária. Assim, setembro foi marcado pela recuperação dos ativos brasileiros, apoiada pelo retorno do capital estrangeiro e pela melhora do ambiente para empresas mais sensíveis aos juros, embora os riscos fiscais, eleitorais e externos tenham permanecido no radar.
	Estruturados	Veículo Altair consolidando as exposições em fundos de estratégia macro, long and short e crédito estruturado.	Seguido.	Impactos nominais e relativos ao CDI foram positivos no mês. Maiores contribuições vindas dos fundos Genoa Vestas e Sagres, além do Global Dinâmico Ultra e Growler.
	Exterior	Diversificação com a estratégia Carteira Itaú. .	Seguido.	Fundo rendeu Dólar + 4% ao ano em 2026. Em termos nominais, rendeu -1,8% no ano e -2,6% no mês. No mês, impactos negativos da apreciação cambial, queda do ouro e RF internacional em crédito.

Estratégia – Perfil Agressivo (1/3)

Classe		O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
R E N D A F I X A		Gestão tática, com viés mais aplicado em Pré.	Seguimos com essa preferência, mas iniciamos subida de posição em NTN-Bs. Apesar da forte pressão dos juros internacionais, o que influencia os juros reais de longo prazo no Brasil, expectativa de redução do prêmio de risco frente ao cenário doméstico contribui para potencial de resultados no curto prazo.	Setembro foi um mês de novas decisões de política monetária no Brasil e no exterior. O Banco Central do Brasil seguiu com seu ciclo de calibração da taxa de juros, reduzindo a Selic para 13,75% a.a. O cenário tem sido marcado por uma combinação de desaceleração da atividade, inflação corrente um pouco mais pressionada, e com expectativas ainda desancoradas, além do desafio fiscal, em meio a um cenário externo desafiador, o que manteve a condução da política monetária em terreno cauteloso. Os dados recentes indicaram moderação do consumo e da atividade, em meio ao elevado endividamento e à maior inadimplência das famílias, enquanto o mercado de trabalho permaneceu apertado, embora com sinais de estabilidade. Apesar desses riscos, a perspectiva de continuidade gradual do ciclo de cortes favoreceu o fechamento da curva de juros. O movimento impulsionou principalmente os títulos de maior duração: entre os índices da ANBIMA, o IMA-B avançou 3,15%, o IMA-B5 subiu 2,01%, o IMA-B5+ ganhou 3,82% e o IRF-M 1+ teve alta de 2,41%. No câmbio, o dólar comercial encerrou o mês próximo a R\$ 5,18, praticamente estável em relação ao fechamento de agosto. Assim, mesmo com os riscos inflacionários, fiscais e externos limitando a velocidade do afrouxamento monetário, o mês foi favorável aos ativos locais, especialmente aos títulos públicos prefixados e indexados à inflação de prazos mais longos.
	Juros Nacionais			+

Estratégia – Perfil Agressivo (2/3)

	Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?	
R E N D A F I X A	Crédito	Manter nível geral da alocação.	Alocações em torno de 10%.	Houve uma desaceleração da captação na indústria de crédito em setembro, sendo que a demanda foi mais dirigida aos veículos mais líquidos e conservadores. Por outro lado, os fundos de maior risco sofreram resgates. Isso desencadeou algumas marcações pontuais nos ativos dos emissores corporativos. Nossas principais estratégias seguiram com desempenho acima do CDI.	+
	Câmbio e Juros Internacionais	Exposições compradas em dólar pelo cenário de juros mais altos nos EUA e noticiário fiscal negativo na Europa.	Principal estratégia é vendida em euro x dólar.	Impactos levemente positivos.	+

Estratégia – Perfil Agressivo (3/3)

Classe	O que achávamos?	O que fizemos?	Qual foi o resultado (nominal)?
Bolsa	Ao longo de setembro, e que perdura em outubro, calibrar posições com viés de alta no mercado nacional, em função da expectativa de continuidade do ciclo de queda dos juros e da proximidade das eleições. O fluxo estrangeiro está em reativação, e as pesquisas, reduzindo a incerteza sobre os resultados, trariam momentum de valorização para o mercado, ainda que as notícias sobre a futura condução fiscal, em detalhes, sejam contidas. Quando internacional também favorece tendência positiva dos mercados de risco.	Exposição passou de 10,8% para 15,6% entre os fechamentos de agosto e setembro, atingindo 20,8% no início de outubro.	Em setembro de 2026, o mercado de renda variável brasileiro apresentou desempenho positivo, com o Ibovespa avançando 5,03%, aos 186.340 pontos, acumulando no ano alta de 16,65%. O movimento foi sustentado pela retomada do fluxo estrangeiro, que somou entrada líquida de aproximadamente R\$ 9,6 bilhões até o dia 28, revertendo parcialmente as saídas observadas em agosto. A perspectiva de juros mais baixos no Brasil, dados de inflação abaixo do esperado nos Estados Unidos e a percepção de preços atrativos para as ações locais contribuíram para o aumento do apetite por risco. No ambiente doméstico, as expectativas em torno do cenário eleitoral e, sobretudo, da condução fiscal a partir de 2027 também ganharam relevância na formação dos preços. O avanço foi relativamente disseminado, com destaque para os setores financeiro, de consumo, utilities e imobiliário, enquanto as ações ligadas a materiais básicos ficaram para trás. No exterior, o S&P 500 recuou 0,38% no mês (+12,45% no ano), em meio à volatilidade dos juros longos e às incertezas sobre a política monetária americana. O Fed subiu os juros, mostrando preocupações com o balanço de riscos para a política monetária. Assim, setembro foi marcado pela recuperação dos ativos brasileiros, apoiada pelo retorno do capital estrangeiro e pela melhora do ambiente para empresas mais sensíveis aos juros, embora os riscos fiscais, eleitorais e externos tenham permanecido no radar.
Estruturados	Veículo Altair consolidando as exposições em fundos de estratégia macro, long and short e crédito estruturado.	Seguido.	Impactos nominais e relativos ao CDI foram positivos no mês. Maiores contribuições vindas dos fundos Genoa Vestas e Sagres, além do Global Dinâmico Ultra e Growler.
Exterior	Diversificação com a estratégia Carteira Itaú.	Seguido.	Fundo rendeu Dólar + 4% ao ano em 2026. Em termos nominais, rendeu -1,8% no ano e -2,6% no mês. No mês, impactos negativos da apreciação cambial, queda do ouro e RF internacional em crédito.

GLOSSÁRIO

[Clique aqui](#) caso tenha dúvidas dos termos utilizados neste relatório

Informações relevantes

Os investimentos da Fundação Itaúsa Industrial são realizados pelos gestores contratados pela Entidade de acordo com a Resolução CMN nº 4994/2022 e com a Política de Investimentos do Plano de Benefícios de Contribuição Definida – PAI-CD, aprovada pelo Conselho Deliberativo conforme Estatuto Social e legislação vigente.

A estratégia de alocação de recursos nos perfis de investimento é discricionária, porém, os gestores devem seguir as diretrizes da Política de Investimentos da Entidade e os regulamentos dos fundos de investimentos, de forma a cumprir os mandatos que lhe foram conferidos.

Os resultados apresentados se referem ao desempenho obtido pela gestão dos investimentos deduzidas as despesas com a administração desses investimentos e não garantem rentabilidade futura, nem tampouco, que o cenário econômico vislumbrado vá se concretizar, independentemente de o espaço de tempo ser considerado curto ou longo.

Esse relatório é de propriedade da Fundação Itaúsa Industrial, e é destinado aos participantes e assistidos do Plano de Benefícios de Contribuição Definida – PAI-CD e não deve ser entendido como recomendação de investimento, desinvestimento, opção e/ou alteração de perfil de investimento ou opção e/ou alteração de benefício de aposentadoria.